

UM JOGO PARA A PERCEPÇÃO

Silvia Paes Barreto

A visão parcial da vasta estrutura desde a porta de entrada do MAMAM no PÁTIO apequena o corpo. A obra se impõe, detém o domínio do espaço. Sujeito-me a não poder conhecê-la de todo numa só visada. O simples deslocamento, do andar em torno, na atitude de quem contempla um objeto, é inviável e em seu lugar há um percurso mais longo, determinado, a ser explorado.

É inanimada, racionalmente constato, contudo sua presença física alcança o corpo como algo vivo, capaz de provocar interferência. Aquele ser aparenta não capitular, não ceder aos seus limites.

Percebo dois membros articulados num ponto, o mais profundo e à direita possível para aquela configuração no espaço. Um deles atravessa transversalmente o vazio e por uma passagem à minha esquerda avança em direção à casa contígua. Sua superfície plana e opaca é uma barreira ao olhar e ao caminho. Esta opacidade é o mínimo, saberia depois, que torna o todo capaz de apresentar-se como um volume no espaço.

O outro, parte do solo para suster-se sobre minha cabeça, suspenso na outra extremidade à altura de dois pavimentos. Faz-me olhar para cima, para o amplo vão livre vencido pelo telhado. Todo o artifício necessário para mantê-los tensionados, de um modo a desafiar os planos ortogonais da arquitetura daquele ambiente, está visível. Oscilo entre a apreensão do que estava fora de mim ao perscrutar a obra, e a deriva no sonho, ampliando na escrita a memória das sensações. No mundo visível, cada uma das duas partes articuladas é de aproximadamente 2,20 x 11,00 metros. A escala surpreende. Porém no devaneio, confiro uma grandeza maior do que tem objetivamente. É mais sublime agora quando esqueço o artifício humano que lhe deu forma.

Continuando o percurso, o longo retângulo à minha frente, um pouco adernado para trás, oblitera o acesso à escada. Recuo um pouco do centro e acompanho o agenciamento sugerido. Busco a passagem livre, de menos de uma décima parte de sua extensão, entre a extremidade e a parede. Já estou no ambiente contíguo.

Ao ter acesso à parte posterior, a sensação foi a de ter invadido um espaço íntimo, destinado a outros usos. À medida que altero minha posição, a imensa forma que cria e modifica espaços sofre uma metamorfose. O vasto septo ao nível do chão, ao passo em que ascendo, faz-se delgado. Sua pouca espessura delinea uma reta, visto desde uma perspectiva aérea. Em razão desse movimento, o segundo septo perde parte de sua interferência. E o que se impunha como larga opacidade aos olhos, neste ponto, adquire insuspeitada leveza, deixando à vista quase toda a extensão do piso e do espaço interior da edificação.

Ao tempo em que exploro percursos e perspectivas, dou-me conta de que o deslocamento do corpo permite aos sentidos experimentar os duplos – volume e linha, peso e leveza, opacidade e desvelamento – que pertencem à obra.

À maneira de um jogo para a percepção, este “estudo para o espaço”, como definiu Eduardo Frota ao conceber seus planos transversais, atuava de modo a mediar a relação do meu corpo com todo aquele ambiente. E dado que é modulando o espaço que a obra se constitui, aquele não é mero suporte neutro, e sim parte de sua substância.

Ao fim, deslindo a sua natureza. Não tendo outro tempo para ser senão ali, nem outro modo senão naquele espaço, colhe do efêmero a sua beleza e se engrandece por esta singularidade.

